

A INFÂNCIA DE MEDÉIA: Refletindo sobre a desestruturação psico-afetiva da mulher a partir de traumas conjugais

Estêvão Monteiro Guerra¹

RESUMO: Considerando a relevância simbólica das narrativas míticas enquanto função reveladora da psique em suas mais diversas manifestações, proporemos neste breve artigo uma aproximação psico-interpretativa do mito de Medéia no intuito de obtermos elementos para uma maior compreensão de alguns fatores que se apresentam na base dos quadros de desestruturação afetiva desencadeados na mulher a partir de traumas conjugais. Em um segundo momento, pretende-se demonstrar que tal desestruturação lança suas raízes na mais tenra idade, denotando a importância crucial da maternagem nos primeiros meses de vida enquanto fator propiciador para formação, integração e consolidação satisfatória de um ego capaz de elaborar o luto em situações de perda.

PALAVRAS-CHAVE: Medéia. trauma conjugal. simbolismo. psicologia do desenvolvimento. luto.

INTRODUÇÃO

Observa-se em algumas correntes da psicologia contemporânea um evidente desembaraço epistemológico em lançar mão de narrativas míticas no intuito de decifrar inúmeras posturas e padrões de personalidade, tanto em suas manifestações cotidianas quanto em sua natureza psicopatológica. Já se vão várias décadas que inúmeros autores, e das mais diversas áreas, buscam na simbologia das lendas e contos de fadas os contornos simbólicos que lhes permitem reconstruir padrões de comportamento e, até mesmo, uma tendência “intrínseca” que guia e

¹ Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Mestre em Ciências da Religião pela UFJF. Graduado em Psicologia e Filosofia. Professor dos cursos de Psicologia da Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora e do Centro de Ensino Superior de Juiz de fora.

coordena as mais diversas tramas de nossas relações sócio-afetivas. O estudo da mitologia, em sua vinculação com saberes, por assim dizer “científicos”, ocupa vasta posição em diversas áreas da Psicologia, Antropologia, Sociologia e História. No entanto, buscando fundamentação ao contexto específico deste artigo, nos guiaremos por autores que prezam uma leitura tipicamente psicológica do mito.

Segundo o analista Carl Gustav Jung (1987), as dimensões míticas que são projetadas pelo homem em suas relações com o mundo não são simplesmente expressões de um passado histórico arcaico, mas sim imagens de um presente psíquico. Para Jung, a narrativa mítica não deveria ser vista simplesmente como uma dimensão arqueológica do homem, mas sim como expressões vivas de uma *arqueologia interior*, e que são, portanto, fundamentais para que as relações humanas se estabeleçam inspiradas no respeito, e não na opressão ou subjugação. Neste contexto, a análise das narrativas míticas, expressa nos diferentes momentos da história, possibilita-nos vislumbrar nossas construções sócio-afetivas. Também podemos considerar que mitos e ritos se apresentam, basicamente, como modeladores das expressões culturais/religiosas das mais diversas comunidades humanas, a partir do momento que aceitamos suas narrativas como uma perpetuação simbólica da vida comunitária. Como acrescenta Joseph Campbell (1991, p. 12) poderemos perceber que através de narrativas míticas e de suas expressões ritualísticas, obtém-se uma radiografia “das mais profundas esperanças, desejos e temores, potencialidades e conflitos da vontade humana. Todo mito, intencionalmente ou não, é psicologicamente simbólico”. Também de acordo com a analista junguiana Yves Tardan Masquelier (1994, p. 147), tal posicionamento diante das expressões míticas permite-nos perceber que esta “concentração de símbolos e imagens são conservatórios de diferentes metamorfoses da consciência coletiva no decorrer dos tempos”.

Considerando a relevância das narrativas míticas enquanto função reveladora da psique em suas mais diversas manifestações, proporemos neste breve artigo um “encontro com Medéia” no intuito de fazermos um pequeno recorte compreensivo sobre uma dinâmica emocional peculiar, passível de ser vivida pela mulher a partir

de situações traumáticas desencadeadas pelo “abandono conjugal”². Pelo termo *recorte*, buscamos delimitar as dimensões de nossa análise interpretativa e que, forçosamente, demarca modestamente nossas intenções diante da complexidade do tema. Em outros termos, nos referimos ao círculo hermenêutico, onde apenas compreendemos o que já sabemos ou, nesta mesma linha, compreendemos pela ressonância, condizente ao nosso horizonte de compreensão. Todavia, deixamos claro que padecer de algum tipo de desestruturação afetiva, oriunda de desencontros conjugais, não seria infortúnio atribuído somente a gênero feminino. Bem sabemos que o gênero masculino ocupa, tristemente, larga preponderância estatística no que se refere ao número de casos de violência doméstica. Apenas enfatizamos que, enquanto intenção primordial deste artigo, abordaremos o tema a partir da figura feminina, representada por Medéia.

1 JASÃO E MEDÉIA: Uma história de amor, abandono e ódio

É prática comum, sobretudo pelos estudiosos da corrente junguiana, se fazer uma aproximação de “perfil hermenêutico” da mitologia no intuito de uma melhor compreensão de nossa dinâmica psicológica. Geralmente, parte-se de narrativas míticas, lendas regionais e de contos de fada clássicos por espelharem, magnanimamente, conteúdos simbólicos que retratam a psique em sua complexidade. No entanto, não seria um exercício psicológico comum tentar *reconstruir*, a partir da psicologia contemporânea, alguma etapa destas narrativas. Em outros termos, não é comum explicar os traços de caráter de Hércules, por exemplo, a partir de sua infância, assim como a beligerância de Édipo diante de Laio. Todavia, sabemos que tentar explicar os padrões de comportamento do adolescente e do adulto pela natureza de sua infância é um procedimento frequentemente usado pelas correntes psicodinâmicas, as quais adotam enquanto pressuposto a existência de uma instância psíquica *inconsciente*. Ora, dentre inúmeras possibilidades, tal prática não é adotada porque, em inúmeros contextos

² O termo “abandono”, no contexto que propomos, refere-se a qualquer atitude que possamos considerar como: deixar de lado, desconsiderar, estar ausente ou trair. Pelo termo “conjugal”, não nos referimos somente a situações matrimoniais oficializadas. Neste contexto, também pedimos ao leitor que considere este termo em seu amplo sentido.

das narrativas míticas, não é devidamente explicitada a infância de determinado personagem e, até mesmo, devemos considerar a narrativa mítica enquanto uma “história concluída”.

Com a cautela que exige a utilização de recursos mais originais, propomos enquanto “ferramenta metodológica”, articular alguns possíveis elementos da *infância de Medéia* para que possamos compreender os inúmeros padrões de seu comportamento, já demarcados no mito. Também propomos ao leitor fazer um caminho inverso, ou seja, apresentar com ajuda da “psicologia do desenvolvimento”³ um possível quadro da *infância de Medéia* para que possamos compreender tamanha ira e destrutividade que se manifesta nesta personagem quando abandonada por Jasão. Esperamos com isso, paralelamente, oferecer alguns elementos que nos permitam delinear, em maior profundidade, uma dinâmica psíquica passível de ser apresentada por mulheres diante ao abandono conjugal. Também devemos alertar ao leitor que, segundo a pesquisadora Olga Rinne (1999), as tradições mais remotas do mito de Medéia são contraditórias quanto à sua origem, seus atos e seu destino. Esta é uma das dificuldades de se pesquisar o mito, já que, por existir mais de uma narrativa, acaba por nos deixar inseguros diante da versão a ser escolhida. Ao se optar pela versão que apresentaremos a seguir, ou seja, a tradição tessálica, que relata a história de *Medéia da Cólquida*, deixamos claro a existência de outras possibilidades de arranjos simbólicos, ainda que nos esforcemos em apresentar pontos em comum das versões publicadas. Primeiramente, apresentaremos alguns detalhes já conhecidos da vida desta personagem, para que possamos então “construir” algumas hipóteses sobre a base infantil de sua vida afetiva.

O nome *Medéia* (em grego *Mideia*) significa “a do bom conselho” (RINNE, 1999, p. 34) e, segundo a autora, em todas as tradições, ela é apresentada como conhecedora da arte de curar e dotada de inteligência superior. Inicialmente, podemos considerar que a figura assumida por Medéia representa um período de transição do matriarcado ao patriarcado, aonde divindades femininas vão

³ Este artigo tem uma proposta metodológica interdisciplinar. Neste contexto, utilizaremos alguns conceitos desenvolvidos pela psicanálise kleiniana. Todavia, não temos a intenção de gerar choques metodológicos, já que a proposta junguiana não neutraliza ou fere em essência os conceitos que esperamos apresentar no decorrer deste artigo.

adquirindo um caráter subterrâneo e malévolo, simbolizando um aspecto do "feminino destruidor". Observa-se paralelamente que as divindades femininas vão cedendo seus lugares a representações solares ou, em outros termos, apolíneas, no imaginário das comunidades ocidentais⁴.

Medéia vivia em Ea com seu pai, Aetes. Segundo Apolônio de Rodes, o palácio de Aetes era extraordinariamente rico, onde jorravam fontes permanentes de leite, azeite, vinho e água. No interior deste palácio também havia um denso bosque de carvalho, onde estava escondido o tosão de ouro, e que levou Jasão a empreender em sua busca uma das mais famosas aventuras de todas as narrativas míticas gregas. Jasão veio de lolco, na Tessália, e era parente de Frixo. No momento de ser sacrificado por seu pai, Frixo fugiu no lombo de um carneiro de ouro, presenteado por Hermes. Como agradão, sacrificou o carneiro e viveu até sua morte como esposo de Calcíope, irmã de Medéia, no palácio de Aetes. Jasão era filho de Eso, que fora o legítimo governante de lolco. Portanto, queria reivindicar o trono que lhe cabia por direito, e que fora usurpado de seu pai por Pélias. Durante uma caçada, Jasão perdeu uma de suas sandálias ao ajudar uma velha senhora (que na verdade era Hera) a atravessar um rio. Pélias havia sido advertido que seria morto por um homem com uma única sandália. Ao se encontrar com Jasão, temendo por sua vida, reconheceu-o, hipocritamente, como legítimo herdeiro. Todavia, sua verdadeira intenção era preparar uma armadilha na qual Jasão seria morto. Disse-lhe que o tosão de ouro de seu antigo antepassado, Frixo, deveria ser resgatado e, só assim, ele poderia assumir o trono. Jasão não sabia muito bem dos perigos que lhe esperavam, e preparou a famosa expedição com os mais destemidos heróis da Grécia, os quais foram chamados de *argonautas* devido ao navio que tripulariam, o Argos. No palácio de Aetes, Medéia avistou Jasão pela primeira vez e, como não poderia deixar de ser, foi amor à primeira vista. Devido a esta paixão imediata, Medéia prontificou-se em ajudá-lo no que fosse necessário, e que de fato ocorreu, já que as poções e ervas medicinais que preparou salvaram a vida de Jasão inúmeras vezes. Além de sua

⁴ Para maiores detalhes: GUERRA, Estevão Monteiro, **O Corpo Traído**: Negação do Feminino, Sexismo e Repressão Sexual no Cristianismo Primitivo e suas Repercussões na Cultura Ocidental Contemporânea. Juiz de Fora. Dissertação mestrado em Ciências da Religião – U.F.J.F., 1999.

maestria e conhecimentos nas artes da cura, amparou Jasão em seus momentos mais difíceis, dando-lhe coragem e força. Por fim, ao superar todas as provas, Aetes arquitetou um plano onde o tosão não seria entregue a Jasão, e ele e seus argonautas seriam sacrificados. Medéia, tendo escutado o plano às escondidas, alertou Jasão e foram imediatamente ao encalço do tosão, que estava sendo protegido por uma monstruosa serpente. Com ervas e encantos, Medéia fez a serpente adormecer, e Jasão conseguiu retirar de suas garras o cobiçado tosão. Diante do templo de Hécate, Jasão prometeu a Medéia tomá-la como esposa e manter-se sempre fiel a ela. Medéia, até então uma jovem perdidamente apaixonada e devotada, fugiu com Jasão a bordo do Argos. Aetes, inconformado, saiu em seu encalço. Medéia não mediu esforços para assegurar sua fuga e, até mesmo, matou e esquartejou seu meio-irmão, Faetonte, no intuito de retardar Aetes que, por sua vez, acabou envolvido na preparação de um funeral adequado para seu filho. Medéia e Jasão, depois de inúmeros contratempos, consolidaram sua união na gruta sagrada de Mácris.

Segundo a tragédia de Eurípedes, Jasão abandona Medéia para desposar Glauca, filha de Creonte. Como se não bastasse, Jasão não reconhece sua ingratidão e infidelidade, ameaçando Medéia caso ela não aceitasse um desígnio subalterno diante de sua nova esposa. Alegando que Medéia havia sido enfeitiçada por Eros, Jasão se "esquece" de toda a ajuda prestada, dizendo até mesmo que ela se beneficiou muito mais da união até então. Depois de trocarem ásperas ofensas, Jasão se desliga definitivamente de Medéia. A pobre jovem, abandonada pelo seu mais precioso tesouro, entrou em profunda tristeza. Como conseqüência das atitudes de Jasão, Medéia arquitetou nefasta vingança, destruindo toda a estirpe de Jasão, incluindo seus próprios filhos. Apenas Jasão deveria viver para sofrer toda a dor da perda, como ela sofrera ao perdê-lo. Por fim, Hélio envia uma carruagem de serpentes para que levasse Medéia para longe da esfera humana.

Nesta trágica narrativa, Jasão representa a típica exuberância do poder fálico, presente em todas as figuras heróicas do panteão greco-romano. Também podemos observar que Jasão não possuía sutileza ou qualquer tipo de sabedoria telúrica, tão evidente nas figuras tipicamente femininas. Isto demonstra,

bolicamente, a negação de sua dimensão feminina, e Medéia deveria preencher esta lacuna. É curioso percebermos que para se compreender a dimensão feminina do mito deve-se, necessariamente, considerar o seu par amoroso. Ambos falam de pólos opostos, mas intrinsecamente complementares. Sendo assim, para compreendermos adequadamente a dinâmica afetiva Medéia expressa no mito, devemos sempre estar atentos à figura de Jasão.

A beligerância e o brilho de Jasão nos dá uma primeira dica deste amor a primeira vista. Como propomos, a dinâmica relacional deste casal se define por ser psicologicamente complementar. Medéia, como uma figura tipicamente feminina, sente-se perdidamente atraída pelo brilho irradiado por Jasão. Ora, isto não seria tão incompreensível, se observarmos que indivíduos com tendências depressivas ou, no mínimo introspectivas, sentem-se irresistivelmente atraídos por pessoas marcadamente extrovertidas e solares, representadas pela figura de Jasão. Por faltar esta “luz” em Medéia, a qual poderíamos associar a uma insegurança básica que a impedia de lançar-se ao mundo, fez com que se devotasse cegamente a Jasão como se ele fosse seu salvador. Jasão fora escolhido, “inconscientemente”, para ser o seu pilar afetivo, suprimindo-a suficientemente de afeto para pudesse se libertar da influência paterna. Este típico quadro de dependência emocional impediu que Medéia tomasse consciência da incapacidade de Jasão ser sensível e cuidadoso com suas necessidades. Afinal, ele também sofria de sérias limitações afetivas, as quais se configuravam, basicamente, em sua incapacidade de ser “feminino” e gregário. Ao ser abandonada por Jasão, Medéia sentiu-se profundamente traída, pois ele destruíra não só uma relação, mas o seu próprio sentido de estar viva. Para alguém com estas limitações, o abandono pode ser desastroso para ambos os lados, e é exatamente o que retrata o mito. Por ter se jogado inteiramente nesta relação, exatamente por suas aparentes lacunas emocionais, não pôde suportar o retorno a “si mesma” e refazer sua vida. O ódio lhe possuiu por inteira e o resto...nós já sabemos. Como propomos no início deste breve artigo, seria no mínimo curioso que pudéssemos “reconstruir” a infância de Medéia da mesma forma que nós, psicólogos, tentamos reconstruir a infância de nossos pacientes que sofrem tanto por amor e, até mesmo, matam ou se matam por ele. Ao trilhar

este percurso, poderemos traçar algumas hipóteses que nos permitirão fundamentar alguns aspectos cruciais na consolidação da personalidade de Medéia. Talvez possamos, no final, compreender melhor o destino desta infeliz personagem, e aceitar que tamanho ódio só pode disfarçar profunda fragilidade existencial.

2 A INFÂNCIA DE MEDÉIA: Reconstruindo a dinâmica infantil para um entendimento da situação afetiva adulta

Como foi proposto no início de nosso estudo, toda narrativa mítica comporta uma intrínseca complexidade que permite inúmeras aproximações compreensivas de sua trama simbólica. É neste sentido que, mais uma vez, enfatizamos nossa modesta pretensão, aceitando antecipadamente as inúmeras contribuições que o leitor, no silêncio de suas reflexões, poderá oferecer ao tema. Todavia, propomos abordar duas questões cruciais:

- 1) Por que Medéia se devotou tão profunda e obcecadamente a Jasão?
- 2) Por que, ao ser abandonada, seu ódio foi tão devastador?

Para aqueles que desconhecem os caminhos da psicanálise kleiniana, tais questionamentos podem não aparentar sua complexidade oculta. Também poder-se-ia alegar a necessidade de se formularem outros questionamentos, tão fundamentais quanto os propostos. É verdade, poderíamos refletir sobre uma infinidade de condutas desta personagem. Mas pensamos que estas duas questões encerram em si pontos cruciais na dinâmica psicológica de qualquer ser humano, e que buscaremos compreendê-las paralelamente segundo o comportamento apresentado por Medéia diante ao abandono.

Segundo Melanie Klein (1975), os recém-nascidos já possuem ego suficiente para experimentar ansiedade. Esta colocação nos leva a considerar que o ego já se encontra em um contínuo processo de formação na mais tenra idade, e que o bebê em sua relação com o meio depende de uma generosa dose de acolhimento para que possa estruturar, paulatinamente, um sentido de segurança básico e fundamental em sua estada no mundo. Iniciamos a reflexão de nosso primeiro

questionamento com esta proposta de Klein por considerarmos que o sentido básico de segurança que nos possibilita ir para o mundo é alicerçado no primeiro ano de vida. Inicialmente, este ego primitivo se encontra primariamente organizado mas com uma tendência psicossomática em direção a um processo de integração. Arriscamos em dizer que é consenso em todas as escolas que adotam o paradigma freudiano, em seu mais amplo espectro de influência, considerar que a relação do bebê com o meio demarcará ou não a integração de um ego saudável. Logicamente, não desconsideramos os fatores congênitos e hereditários, os quais também demarcam seus territórios na consolidação da personalidade. Mas, neste contexto, enfatizamos a importância de uma boa maternagem para a formação deste ego. Como acrescenta Hanna Segal (1975), também devemos considerar os mecanismos de defesa usados na posição esquizo-paranóide como protetores do ego, e os splittings vividos pelo bebê são defesas importantes para o amadurecimento do aparelho psíquico. Todavia, para que a “posição esquizo-paranóide dê lugar à próxima etapa do desenvolvimento – a posição depressiva – , a pré-condição necessária é que haja predominância das experiências boas sobre as más. Fatores internos e externos contribuem para esta predominância” (SEGAL, 1975, p. 48). A falta de prevalência de introjeção do "seio bom" priva o ego de uma salutar capacidade pulsátil, tão fundamental para a assimilação de experiências frustrantes.

As psicopatologias cuja etiologia se encontra no primeiro ano de vida podem ser consideradas as mais graves. Acredita-se amplamente que as psicoses e as neuroses mais severas lançam seus “tentáculos desagregadores” nos primeiros meses de vida. Logicamente, não seria intenção deste breve artigo percorrer, qualitativa e quantitativamente, todas as variações e gradações psicossomatopatológicas que poderíamos observar neste cruzamento entre características inatas e adquiridas. Todavia, não poderemos descartar que a excessiva dependência de Média pelo seu parceiro enraíza-se em fixações orais primitivas. Caso o mito relatasse a infância de nossa jovem, poderíamos nos arriscar em propor que nossa personagem, em sua mais tenra idade, não gozou dos cuidados necessários para uma boa elaboração da posição esquizo-paranóide. Provavelmente, sua genitora não corresponderia a nenhum modelo da

sapiência maternal e, pelo que sabemos de seu pai, este também estava bem distante de se apresentar enquanto uma referência de sensibilidade paterna. Esta hipotética imagem proposta para os seus pais não seria de todo incomum, já que a maioria das divindades do panteão grego-romano apresentam uma insensibilidade que beira muitas vezes a psicopatia.

A princípio, poderíamos considerar o empenho de Medéia em prestar todo e qualquer auxílio ao seu amado como uma característica saudável da entrega amorosa. Mas pelo fato de não medir seus esforços assim como não relevar eticamente a natureza de seu auxílio a Jasão (mata o próprio irmão em prol da relação), nos fornece pistas consistentes de sua desesperada necessidade de manter o objeto amado. Seguramente, o segundo questionamento proposto por nós se explica pela continuidade do primeiro quadro apresentado. Como observamos, uma conduta de excessiva dependência e subserviência nas relações amorosas nos alerta para uma elaboração insatisfatória da posição esquizo-paranoide. Conseqüentemente, espera-se como desdobramento típico deste quadro à impossibilidade de elaborar o luto da perda do objeto amado. Ora, uma das características marcantes da não elaboração do luto é a incapacidade de elaborar as freqüentes situações de abandono, de diversas ordens, que podem ser impostos pela vida. Ao ser deixada por Jasão, Medéia “perdeu o caráter impessoal de ‘deusa do bom conselho’ e mergulha na figura-maga feminina, de traços predominantemente destruidores” (RINNE, 1999, p.70).

Como acrescenta Hanna Segal (1975, p. 86), “a posição depressiva marca uma etapa crucial na vida do bebê, e sua elaboração é acompanhada de uma radical alteração em sua visão da realidade. O bebê se torna consciente de si mesmo e de seus objetos como separados dele”. É no fracasso da "reparação mágica" que o bebê descobre os contornos permissíveis tanto de seu ódio quanto de seu amor, também tomando cada vez mais consciência do limite tolerável de seus atos destrutivos. É na elaboração adequada da posição depressiva que se observa nos indivíduos uma aceitação natural dos princípios de realidade que estabilizam o convívio social. Estas características são condizentes a um

fortalecimento saudável do ego pela prevalência de assimilações de "objetos bons", os quais também são assimilados pelo superego. Contrariamente, a conduta afetiva de Medéia retrata um caráter regressivo que não lhe permite deter seus impulsos assassinos. O ódio expresso em toda inversão simbólica de seu personagem a partir do abandono demarca a incapacidade de vivenciar o luto, pois não pôde abrir mão de seu "objeto ideal". Ao não elaborar adequadamente a posição depressiva, não pôde gozar de impulsos reparadores, os quais lhe seriam úteis na busca de outro parceiro. A imaturidade egóica ocasionada na resolução insatisfatória da posição esquizo-paranóide e, conseqüentemente, por uma entrada precária na posição depressiva, contribuíram decisivamente para que nossa personagem não diferenciasse seu amado de seus conteúdos internos. Isto fica evidente na medida em que observamos a forma como o ódio é dirigido ao mundo. Observa-se uma ausência discriminativa (*splitting*), ou seja, Medéia não pôde dosar seu ódio e tampouco pôde diferenciar os objetos ao atuar em sua fúria. Este mecanismo condiz a severos mecanismos projetivos, pois foi incapaz de demarcar seu mundo interno do externo. Conseqüentemente, ao odiar um homem, odiará a todos. Este amargo proceder diante ao masculino retrata, em maior ou menor grau, uma imaturidade das funções egóicas que permitem vislumbrar a diferença, o outro, e de se dar conta de que todos os entes gozam de uma individualidade que está além dos modelos estereotipados, ditados por um frágil processo de identificação.

CONCLUSÃO

Seguramente, ao resgatarmos o mito de Medéia, estamos lidando com um caso clássico do *ciúme assassino* e, como propomos, que se enraíza neste complexo desenvolvimento infantil. Também nos damos conta de que esta saga não está tão distante de nós, caso leiamos diariamente os tablóides mais sanguinolentos que estão à venda em qualquer banca de jornal. Mas com um pouco de boa vontade, podemos observar que esta dinâmica afetiva não precisa ser expressa

em seu extremo para estar em ação. Observa-se cotidianamente “pequenas Medéias” e, por que não, “pequenos Jasões”, que se digladiam por motivos arcaicos e inconscientes. Neste contexto, propomos um delicado cruzamento onde fatores ontogenéticos são perpassados por forças arquetípica, erigidas na história da humanidade. Como diria Erich Neumann (1995) deve-se considerar tanto a história individual como a história coletiva, pois o desenvolvimento ontogenético representa uma “recapitalução modificada” do desenvolvimento filogenético. Quando nos deparamos com estas encenações contemporâneas do mito de Medéia, seria razoável aceitar que inúmeras forças psíquicas estão em jogo, e não seria prudente esquecermos que o ódio de Medéia também retrata o inconformismo do feminino diante da tirania e opressão do masculino.

MEDEIA'S CHILDHOOD: Pondering over the psycho-affective unbalance in the woman due to matrimonial trauma

ABSTRACT

Considering the symbolical significance of the mythical narratives as an instrument to show the psyche in its manifold manifestations, in this brief essay we propose a psycho-interpretative approach of Medeia myths in order to get data for a better understanding of some basic factors in affective unbalances, unleashed in the woman due to matrimonial trauma. In a second moment, one intends to show that such unbalance begins at a very early age, pointing the maternity crucial role in the first months of life as basis for the satisfactory formations, integrations and consolidations of an ego capable of elaborating mourning when meeting with a loss.

KEY-WORDS: Medeia, matrimonial trauma, disregard, development psychology, elaborating mourning.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **A extensão interior do espaço exterior**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

GUERRA, Estêvão Monteiro. **O Corpo Traído: Negação do Feminino, Sexismo e Repressão Sexual no Cristianismo Primitivo e suas Repercussões na Cultura Ocidental Contemporânea**. Dissertação de mestrado em “Ciência da Religião”. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1999.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1987.

MASQUELIER, Yes Tardan. **A sacralidade da experiência interior**. São Paulo: Paulus, 1994.

NEUMANN, Eric. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

KLEIN, Melanie. **O sentimento de solidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

RINNE, Olga. **Medéia – O direito à ira e ao ciúmes**. São Paulo: Cultrix, 1999.

SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.